

BIOPOLÍTICA, GOVERNAMENTALIDADE E NEOLIBERALISMO: articulações conceituais

Biopolitics, Governamentality and Neoliberalism: conceptual updates

Antonia Carla Víctor de Paiva¹

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo refletir sobre as articulações entre os conceitos de biopolítica, governamentalidade e neoliberalismo trabalhados pelo filósofo francês Michel Foucault em seus cursos *Em defesa da sociedade* (1975-1976), *Segurança, Território, População* (1977-1978) e *Nascimento da biopolítica* (1978-1979), bem como no livro *História da sexualidade 1: A vontade de saber* (1976) e, mais recentemente, retomados com centralidade pela politóloga norte-americana Wendy Brown em suas obras *Undoing the Demos* (2015) e *Nas ruínas do neoliberalismo* (2019). Para tanto, a estrutura da exposição gira em torno de três movimentos, a saber: Explicar as particularidades de cada um dos conceitos para articulá-los em torno da proposição do neoliberalismo como uma racionalidade normativa baseada na composição entre desregulação e controle que, através de módulos de subjetivação, redefinem a política, a economia e a sociedade. Depois, identifica-se a conjuntura política atual a partir de uma bizarra retroalimentação entre Neoliberalismo e Desdemocratização. Por fim, busca-se a partir de Foucault para refletir horizontes de resistência que procuram escapar da distópica economização generalizada da vida.

Palavras-chaves: Biopolítica. Governamentalidade. Neoliberalismo.

ABSTRACT: The present article aims to reflect on the articulation among the concepts of biopolitics, governamentality and neoliberalism as posited by the french philosopher Michel Foucault at his courses *Society Must Be Defended* (1975-1976), *Security, Territory, Population* (1977-1978) and *The Birth of Biopolitics* (1978-1979), and more recently re-taken to the center of debates by the american political scientist Wendy Brown in her works *Undoing the Demos* (2015) and *In the Ruins of Neoliberalism* (2019). For such, we will structure our exposition around three moves: Explaining the particularities of each concept for a later articulation around the proposal of the neoliberalism as a normative rationality based on the composition between regulation and control which redefines society through modules of subjectivation. We end by identifying the current political setting through a bizarre retroalimentionation between Neoliberalism and De-Democratization. We'll try to point some horizons of resistance and minority becomings which search for an escape from the dystopian horizon of a generalized economization of the life.

Key-words: Biopolitics. Governamentality. Neoliberalism.

¹ Mestranda em Filosofia pelo programa de Pós-Graduação em Filosofia da UVA (MAF) sob orientação do Prof. Dr. Rodrigo Chaves de Mello Rodrigues de Carvalho. É membro do GEPEDE (Grupo de Estudos em Política, Educação e Ética) coordenado pelo prof. Dr. Ricardo George de Araújo Silva. É bolsista CAPES. E-mail: carlavictor2009@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Muitos temas são recorrentes nas obras do filósofo Michel Foucault, entre eles aqueles que compõem as fases foucaultianas. Na arqueologia, os discursos e os saberes das ciências humanas aparecem na loucura. Na genealogia, temos uma abordagem sobre as práticas de poder nos controles da população. Na genealogia ética, nas subjetivações em que há as constituições dos sujeitos enquanto força dominada pelas diversas formas de normatização, mais voltadas à ideia de governo de si e dos outros. Sendo assim, o saber, o poder e o sujeito são motores das discussões de nosso autor. Todos eles têm reflexos sobre a atualidade, principalmente os que dizem respeito à política.

Nesse sentido, este artigo delimita sua pesquisa nas discussões dos termos: biopolítica, governamentalidade e neoliberalismo, a fim de responder à questão norteadora em *Como pensar o nosso tempo presente a partir da articulação destes termos?* A partir disso avaliar a nossa atualidade, percebendo os problemas que a compõem e buscar possíveis processos de rupturas e descontinuidades.

A pesquisa se torna relevante por lidar com problemas necessários para compreendermos determinadas questões de nossa atualidade, como o intenso individualismo das pessoas, o aumento da desigualdade social e a desdemocratização. Além de proporcionar pensarmos rotas e fugas para sairmos destes problemas, em formas de resistências. Sendo assim, utilizaremos livros e cursos que procedem sobre o neoliberalismo, a biopolítica e a governamentalidade.

Desta forma, a estrutura deste artigo se apresenta em três movimentos: o primeiro apresenta as particularidades dos conceitos de biopolítica, governamentalidade e neoliberalismo atrelados à ideia de racionalidade normativa baseada na desregulação e no controle dos modos de subjetivação que redefinem a política, a economia e a sociedade. Com isso, usaremos o livro de Michel Foucault *História da sexualidade 1: A vontade de saber* (1976) e os cursos *Em defesa da sociedade* (1975-1976), *Segurança, Território, População* (1977-1978) e *Nascimento da biopolítica* (1978-1979).

Num segundo movimento, identificamos a conjuntura política mais atual na bizarra retroalimentação do neoliberalismo para a democracia. Com esse ponto, mobilizamos o pensamento da politicóloga americana Wendy Brown, que retoma o neoliberalismo para o contexto antidemocrático. Isto é problematizado nos livros *Undoing the Demos* (2015) e *Nas ruínas do neoliberalismo* (2019) como o neoliberalismo sendo causador dos problemas da crise democrática.

O terceiro movimento, em forma de conclusão, pretende pensar a partir de Foucault que existe a possibilidade de sair do neoliberalismo. Entretanto, não podemos pensar em certezas, mas apontar caminhos pelos quais rejeitamos a intensa normatização que o neoliberalismo provoca em nossas vidas. Sempre procurando encontrar novas formas de subjetividades capazes de resistir.

2. ARTICULAÇÕES CONCEITUAIS: BIOPOLÍTICA, GOVERNAMENTALIDADE E NEOLIBERALISMO

O termo biopolítica ganha destaque nos escritos do filósofo Michel Foucault, com a sua menção pela primeira vez em uma das diversas conferências que Michel Foucault realizou no Brasil, no caso, em 1974, no Rio de Janeiro, sobre medicina social². No livro *História da sexualidade 1: A vontade de saber* (1976) a biopolítica apresenta-se como “Direito de morte e poder sobre a vida” (FOUCAULT, 2019, p. 145), uma espécie de intervenção que inverte o ideal do poder de soberania, do “direito de *causar* a morte ou de *deixar* viver” (FOUCAULT, 2019, p. 146) para fazer viver e deixar morrer.

Sendo assim, entendemos que a biopolítica ocorre quando a vida e a morte entram no cenário político, nas regulações da população como espécie humana. Como parte de um biopoder, a biopolítica é uma tecnologia política que funciona em conjunto com o poder disciplinar. Este último concernente às disciplinas numa “anatomopolítica do corpo humano” (FOUCAULT, 2019, p. 204), capaz de docilizar e normalizar o corpo, tornando-o economicamente útil.

Por outro lado, a biopolítica, mesmo em comum com o poder disciplinar, atua por meio das ações do Estado em formas de governar. Possuindo dispositivos que regulam a vida e a morte da população, como a segurança e a estatística. A segurança organiza os espaços, nos problemas da cidade, evitando os riscos e perigos que a população se sujeita. A biopolítica se torna uma gestão a favor da vida e, quando necessário, a favor da morte. Uma forma de intervenção que o Estado utiliza para governar.

Com o curso *Segurança, Território, População* (1977-1978), Foucault faz uma história da governamentalidade, isto é, uma racionalidade do Estado que faz a biopolítica funcionar. Essa governamentalidade é formada por um conjunto de técnicas, instituições “que permitem exercer essa forma bem específica, embora muito complexa, de poder que tem por alvo principal a população, por principal forma de saber a economia política e por instrumento técnico essencial os dispositivos de segurança” (FOUCAULT, 2008, p. 143). Se torna uma arte de governar que conduz os indivíduos em torno de uma economia política.

As conduções formam-se nas constituições dos indivíduos em sujeitos capazes de ser governáveis, sujeitando aos preceitos do capitalismo. Segundo Dardot e Laval no livro *A nova razão do mundo* (2009), essa governamentalidade é vista “como ação sobre as ações de indivíduos

² O texto encontra-se no livro *A microfísica do poder*: “O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade biopolítica. A medicina é uma estratégia biopolítica” (FOUCAULT, 2019, p. 144).

supostamente livres em suas escolhas” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 215). Em outras palavras, a governamentalidade exige uma ideia de liberdade que não existe, é apenas aparente. O que existe são estratégias políticas que controlam os indivíduos para se tornarem normatizados.

Dando prosseguimento a uma história da governamentalidade, nosso filósofo apresenta o primeiro modelo de arte de governar: o mercantilismo, que tinha como motor o mercado. Na ideia de concorrência, era um jogo de resultados nulos, evitando a desigualdade. Se algum Estado se tornasse mais rico que o outro, era preciso parar tudo para encontrar um equilíbrio entre os Estados. No entanto, o mercantilismo acaba por ser refutado pois tinha como base o poder soberano.

Então, um novo diagnóstico surge, a razão de Estado como arte de governar. Esta razão de Estado limita o próprio Estado externa e internamente. A regulação externa pelo modelo diplomático-militar em que “a guerra se converte em uma questão de equilíbrio entre Estados, surgem os exércitos profissionais e se estabelece uma diplomacia que busca regular as relações jurídicas” (CASTRO, 2018, p. 114). Na regulação interna pelo modelo da polícia, regulamentando a vida de cada uma das pessoas. Entretanto, um outro modelo no século XVIII aparece em transformação a essa razão de Estado: o liberalismo.

Os economistas introduziram esta arte de governar baseada na economia política, formadora de liberdade e, ao mesmo tempo, promove limitações a partir das intervenções do dispositivo de segurança. A competência do Estado era estabelecida pelos interesses econômicos, mas este mesmo Estado tinha que intervir minimamente sobre o mercado. A intenção era produzir liberdade de concorrência e, para isso, o Estado deveria ser limitado em torno do mercado. No século XX, aparece uma outra forma de liberalismo: o neoliberalismo. Diferindo em alguns aspectos, mas em outros numa versão melhorada ou piorada.

No curso *Nascimento da biopolítica (1978-1979)*, Foucault prossegue sua abordagem relacionada à arte de governar. Desta vez, sobre o neoliberalismo, como uma racionalidade governamental biopolítica, dedicando-o a mais da metade do curso. Conceitua-lo é uma tarefa complexa pois “‘neoliberalismo’ é um significado solto e mutável. [...] O neoliberalismo como política econômica, uma modalidade de governança e uma ordem da razão é um fenômeno global, embora inconsistente, diferenciado, assistemático, impuro”³ (BROWN, 2016, p. 17 e 18). Embora uma conceitualização fixa seja complicada, entendemos da perspectiva de Wendy Brown que é um fenômeno global na qual expande-se para situações inimagináveis.

Foi no Colóquio Walter Lippmann que o neoliberalismo foi discutido pela primeira vez. Diversos intelectuais discursaram sobre a ideia do liberalismo clássico, Foucault entende o

³ Na versão original: “‘neoliberalismo’ es un significante suelto y cambiante. [...] El neoliberalismo como política económica, una modalidad de gobernanza y un orden de la razón es un fenómeno global, aunque inconsistente, diferenciado, asistemático, impuro.” (Tradução nossa).

neoliberalismo como “uma nova programação da governamentalidade liberal” (FOUCAULT, 2004, p. 127). Uma nova arte de governar que coloca a economia como uma liberdade nos aspectos estatais para garantir uma certa legitimidade do Estado.

Duas abordagens neoliberais emergem do Colóquio: o ordoliberalismo alemão e o neoliberalismo americano. O primeiro introduz a política social, valorizando a desigualdade em benefício da economia. O *homo oeconomicus* é redefinido a partir das forças produtivas na ideia de empresa e o Estado vai garantir o jogo entre as empresas regulando o interior de uma estrutura jurídico-institucional.

A segunda vertente do neoliberalismo está no americano, numa maneira de ser e de pensar, partindo para os aspectos não-econômicos da vida humana. Essa foi a vertente mais difundida em que o trabalho se torna uma conduta econômica. O trabalhador é um sujeito economicamente útil e ativo, sendo o *homo oeconomicus* redefinido como um empresário de si mesmo, produtor de sua própria renda e satisfação.

Ao produzir sua própria renda, o homem utiliza sua força produtiva: o capital humano. Numa teoria do capital humano, Foucault nos apresenta duas manifestações de desenvolvimento. A primeira delas vem da ideia de inato, ou seja, uma espécie de capital humano presente no homem desde o seu nascimento, associamos a um contexto de que é preciso uma genética de boa qualidade. Nesse aspecto, as pessoas vão procurar parceiros com uma boa genética, pensando que a prole seja, do mesmo modo, de qualidade ótima.

A segunda manifestação que se desenvolveu com maior precisão é a adquirida. Nesse caso, o papel mobilizador se encontra na educação, isto é, os pais fazem investimentos educacionais para que os filhos se tornem culturalmente mais elevados e possam utilizar seus próprios conhecimentos na ideia do *homo oeconomicus*. Garantindo que estes possuam um lugar privilegiado na concorrência, aumentando a individualidade na ideia do agir coletivo apenas com base em interesses privados.

Desta forma, o neoliberalismo passa a ser uma arte de governar, uma racionalidade que entra nos comportamentos não-econômicos das pessoas. Somos conduzidos a utilizar o nosso capital humano para dar prosseguimento à ideia de empresariamento de si mesmo para nossa própria satisfação pessoal, social e econômica. O que revela a ideia de independência, de não necessitar das decisões das instituições sociais. Nesse contexto, ele mina a coletividade em que a competição ocasiona a desigualdade ao produzir subjetividades em prol do capitalismo.

3. OS AVANÇOS DO NEOLIBERALISMO PARA OS CONTEXTOS DEMOCRÁTICOS

Ao abordar o neoliberalismo no curso de 1979, Foucault estava fazendo um diagnóstico da sua contemporaneidade. No século XX, o advento da racionalidade neoliberal estava apenas dando seus primeiros passos com Margareth Thatcher na Inglaterra e Ronald Reagan nos Estados Unidos. Devido à morte prematura de Michel Foucault em 1984, ele deixa de ver muitas transformações, principalmente nos aspectos midiáticos. Então, para podermos pensar o avanço do neoliberalismo nos aspectos da democracia, precisamos utilizar as ideias dos foucaultianos, que, de certa forma, deram continuidade aos temas de Foucault para repensar o presente. Com isso, delimitaremos sobre os escritos da cientista política e foucaultiana Wendy Brown.

Com as intensas modificações tecnológicas, o neoliberalismo também se adaptou a estas transformações, sendo um perigo real para a democracia. Uma racionalidade que corrói as bases democráticas, metaforizando em um “Estado-cupim”. Esta expressão surge de um economista alemão chamado Ludwig Erhard, utilizada para dar ênfase na ideia de legitimidade do Estado escapando da anarquia e do Estado-cupim. Brown reutiliza esta concepção no livro *El pueblo sin atributos* (2016):

Porém, em geral, a neoliberalização normalmente é mais parecida a um cupim que a um leão... Sua forma de razão perfura de modo capilar nos troncos e nos ramos dos lugares de trabalho, das escolas, das agências públicas, no discurso social e político e, sobretudo, no sujeito. Mesmo que a metáfora do cupim não seja de todo apta: Foucault nos recordaria que qualquer racionalidade política ascendente não só é destrutiva mas cria novos sujeitos, condutas, relações e mundos (BROWN, 2016, p. 43).⁴

Esta corrosão representa o que acontece com a democracia, tanto no sujeito quanto na soberania popular. Em uma outra obra da autora intitulada *Nas ruínas do neoliberalismo* (2019), a racionalidade neoliberal representa a causa do surgimento de políticas antidemocráticas, principalmente quando o distanciamento entre a democracia e o sujeito são cada vez mais reais. Nas afirmações da cientista política, temos que “Meu argumento é que nada fica intocado pela forma neoliberal de razão e de valoração, e que o ataque do neoliberalismo à democracia tem, em todo lugar, infletido lei, cultura política e subjetividade política” (BROWN, 2019, p. 16 e 17).

Pensando nisso, entendemos o quanto as formas de produções de subjetividades se intensificaram diante do capitalismo. A economização da vida pelo neoliberalismo expande-se desde às instituições que regem a democracia até as produções de subjetividades normativas. Os

⁴ Texto original: “Sin embargo, por lo general, la neoliberalización suele ser más parecida a una termita que a un león... Su forma de razón perfora de modo capilar en los troncos y las ramas de los lugares de trabajo, las escuelas, las agencias públicas, el discurso social y político y, sobre todo, el sujeto. Incluso la metáfora de la termita no es del todo apta: Foucault nos recordaría que cualquier racionalidad política ascendente no sólo es destructiva sino que crea nuevos sujetos, conductas, relaciones y mundos. destructiva sino que crea nuevos sujetos, conductas, relaciones y mundos”. (Tradução nossa).

efeitos dessa racionalidade neoliberal estão na destruição das bases democráticas que, se não há coletividade e sim individualidade, então não poder haver soberania popular, nem comunidade, acarretando em uma desdemocratização.

Além disso, intensificam-se as formas de controle e de desregulação do Estado em torno da sociedade. Consequentemente, o neoliberalismo acaba por gerar políticas antidemocráticas, como nos movimentos a favor de ideias conservadoras, fascistas e de cunho cristão. Todas elas promovem ataques contra a liberdade e o tecido social, rejeitando a ideia de igualdade e de comunidade.

Claro, as sequelas são bem maiores para a democracia, mas, nesse caso, precisamos compreender que a conjuntura política de nossa contemporaneidade está devastada pelo avanço do neoliberalismo. A democracia cada vez mais corroída apresenta apenas resquícios da coletividade e do comum, na ideia da economização da vida e na produção de subjetividades individuais que desvalorizam os valores da sociedade. Desta forma, é preciso pensarmos em métodos de saídas, mesmo que complexos e difíceis.

4. CONCLUSÃO

A partir das articulações dos termos biopolítica, governamentalidade e neoliberalismo das obras de Michel Foucault, podemos conhecer os efeitos destrutivos do neoliberalismo enquanto racionalidade governamental biopolítica para a vida da sociedade. Nesse sentido, a autora contemporânea Wendy Brown traz uma abordagem pertinente ao avanço do neoliberalismo para a democracia e nas políticas antidemocráticas. Na valorização do individualismo e da concorrência, provocando desigualdades sociais, econômicas e políticas.

A metáfora do Estado-cupim representa bem a ação da racionalidade neoliberal, pela corrosão da democracia e do sujeito. Então, identificar os problemas da nossa sociedade é também pensar em soluções. Em Foucault, o filósofo das problematizações, seria um tanto complexo, visto que a sua preocupação não era com as repostas, mas a demonstração dos problemas da sociedade.

Entretanto, avaliando uma categoria das suas obras, denominada resistência, e observando as ações práticas quando estava vivo, percebemos que ele sempre buscou averiguar os problemas e a partir deles procurar novas formas de resistir. Foucault foi um filósofo militante e isso teve repercussões em suas aulas e em seus livros, os conceitos chaves eram: insurgir, resistir, contracondutas, descontinuidades, rupturas etc. Em suas próprias palavras “lá onde há poder há resistência” (FOUCAULT, 2019, p. 104). Então, nesta concepção tratamos de encontrar rupturas contra as normatividades. Precisamos criar novas subjetividades insurgentes a partir de uma ideia de coletividade e do comum.

Esta concepção de resistência e de contracondutas são as melhores formas de lutarmos pela ideia do comum, da igualdade e contra as condutas que nos sujeitam. Estas lutas ainda são formas mais do que válidas de resistir ao neoliberalismo governamental e biopolítico. De acordo com Dardot e Laval, é na dupla recusa: “a recusa de se conduzir em relação a si mesmo como uma empresa de si e a recusa de se conduzir em relação aos outros de acordo com a norma da concorrência” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 400). É assim, recusando que podemos modificar nosso presente, para que no futuro nossas gerações tenham mais consciência de coletividade.

REFERÊNCIAS

BROWN, Wendy. **El pueblo sin atributos: la secreta revolución del neoliberalismo**. Barcelona, ES: Malpaso, 2016.

BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no ocidente**. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2019.

CASTRO, Edgardo. **Introdução a Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)**. 2ª. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. 8ª ed. Rio de Janeiro/ São Paulo, Paz e Terra, 2019.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 10ª ed. Rio de Janeiro/ São Paulo, Paz e Terra, 2019.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)**. 1ª ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, Território, População: curso dado no Collège de France (1977-1978)**. 1ª ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2008.